

## **Decisão do governo de esconder dados da covid remete a atos da ditadura**

A determinação do presidente Jair Bolsonaro para que o Ministério da Saúde restrinja as informações públicas sobre contaminados e mortos pelo novo coronavírus provocou críticas em série. Secretários estaduais de saúde dizem que, ao maquiagem os números, o governo estimulará ainda mais a disseminação do vírus. O ministro Gilmar Mendes, do STF, afirma que "a manipulação de estatísticas é manobra de países totalitários". Ontem, mais 904 brasileiros perderam a vida por causa da covid-19. Já são 35.930 vítimas da doença. PÁGINAS 6 E 7

Nação que mais mata por covid-19, o Brasil ainda não passou pela fase mais crítica da doença, afirmam especialistas. A dimensão continental do país é um dos fatores que demandam análise comparativa que vai além da consideração dos dados puramente absolutos

# Calculando os estragos da pandemia

» BRUNA LIMA  
» MAÍRA NUNES

Com atualizações diárias na casa dos milhares, o Brasil é, hoje, o epicentro do novo coronavírus na América Latina e, sem conseguir frear a disseminação que explode invisivelmente pelo interior, caminha para ser líder mundial do triste ranking da pandemia. Considerando apenas os números oficiais, o Brasil passou a Itália no ranking absoluto de mortes pelo novo coronavírus esta semana; na anterior, tomou a frente de Espanha e França. Com isso, tornou-se o terceiro país onde mais se morre por covid-19. Segundo levantamento da Universidade Johns Hopkins, somente o Reino Unido (com mais de 40 mil mortes) e os Estados Unidos (cerca de 109 mil óbitos) superam as perdas brasileiras.

No entanto, o crescimento de mortes diárias no Brasil ultrapassa o inglês há dias e, por isso, a previsão é de que o país assumirá a segunda posição da lista ainda nesta semana. Por meio de cálculo de modelo matemático exponencial para os 10 dias seguintes, o Portal Covid-19 Brasil estima, por exemplo, que até sexta-feira, haverá 925 mil confirmações de casos no país. Pela mesma metodologia, o grupo concluiu que as mortes devem saltar de 35.930 para mais de 46,8 mil até o mesmo período.

País que mais registra aumento de óbitos em 24 horas pela doença, está também no começo da lista de mais registros e mortes em números absolutos. Para situar melhor em que pé se encontra o Brasil, uma análise mais cautelosa torna-se necessária, como, por exemplo, a comparação por milhão de habitantes, que coloca o país em situação menos catastrófica quando comparada a outros países com mais de 25 mil mortes.

Isso não significa, porém, que a situação brasileira esteja tranquila. Pelo contrário, já que, diferentemente dos países europeus, o Brasil ainda não passou pela fase mais crítica da pandemia. Mesmo sem prever um pico de transmissão, a Organização Mundial da Saúde (OMS) considera que a estabilidade das infecções ainda é um cenário futuro nas Américas, atual epicentro da doença.

Braço da OMS, a Organização Pan-Americana de Saúde (Opas) avalia que a região está no auge da pandemia, sendo a mais afetada atualmente e encabeçada pelo Brasil. Mesmo assim, pesquisadores do Portal Covid-19 Brasil, iniciativa da Universidade de São Paulo (USP) e da Universidade de Brasília (UnB), calculam que o número real de infectados chega a ser 10 vezes maior do que o divulgado, variando entre 4,6 e 6,5 milhões.

A defasagem se dá pela pouca testagem para o novo coronavírus, falha declaradamente assumida pelo Ministério da Saúde. Ainda assim, o Brasil é o segundo país com mais casos confirmados no mundo, atrás apenas dos Estados Unidos. O país norte-ameri-

cano soma, aproximadamente, 1,9 milhão de confirmações. Como apresentado por estimativas de pesquisados, os números reais de infectados no Brasil podem, inclusive, ultrapassar os dos EUA.

## Análise comparativa

Dentro do grupo de países mais afetados pelo novo coronavírus, o Brasil registrou mais de 100 mortes entre 10 e 24 dias após as demais nações. Ao avaliar a situação de cada um separadamente, levando em consideração a evolução dos dois meses seguintes, a partir de uma centena de óbitos, observa-se que, enquanto os países europeus, com menor dimensão territorial estavam em estabilização de mortes, os Estados Uni-

dos e o Brasil apresentavam crescimento exponencial (**confira a curva da covid-19**). Atualmente, a maior aceleração é a brasileira.

A dimensão continental, além de um dificultador de controle de disseminação da doença, acaba sendo um dos fatores que demandam uma análise comparativa que vai além da consideração dos dados puramente absolutos. Ao questionar a quantidade de perdas em relação à população total do país, por exemplo, o Brasil não supera os números das nações europeias. Pelas avaliações do site de estatística Our World in Data, a Espanha é o local onde, proporcionalmente, o novo coronavírus foi mais grave entre os seis países com mais mortes absolutas.

No país espanhol, são 597 mortos a cada milhão de habitantes, seguido pelo Reino Unido (587), Itália (557), França (445) e Estados Unidos (326). O Brasil tem 160 mortes a cada milhão de pessoas. O que não significa que a epidemia na população brasileira não esteja tão grave. "É apenas uma questão de tempo", alerta Paulo Buss, médico sanitário da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) e doutor em ciências pela Universidade de São Paulo (USP).

"Nós, no Brasil, estamos em tempos diferentes de disseminação do vírus, com pelo menos 15 a 20 dias atrasados em relação a Espanha, Itália e França", destaca o médico sanitário. A epidemia no Brasil ainda está em uma fase de crescimento. As previsões de

especialistas são de que o pico seja em julho, começando a cair apenas em agosto. Mas países que adotaram uma política de isolamento mais rigorosa mostraram que foi possível salvar mais vidas.

A variedade das estatísticas noticiadas durante a pandemia é grande e "pode até se tornar um pouco confusa", mas o especialista da Fiocruz destaca que todo dado pode ser útil dependendo da intenção analítica. "Em meio a uma epidemia, o tempo é adversário para uma comparação rígida. Ainda assim, a média de mortes de covid-19 proporcional a populações de Dinamarca, Noruega e Finlândia, que adotaram medidas de isolamento rígidas, em comparação à média da Suécia, por exemplo, que adotou estratégia oposta no início da epidemia, foi fundamental para a decisão de políticas (de distanciamento) introduzidas por outros países", exemplifica Buss, defendendo a adoção de planos de controle de movimentação social mais efetivos do que os atuais".



**Nós, no Brasil, estamos em tempos diferentes de disseminação do vírus, com, pelo menos, 15 a 20 dias atrasados em relação a Espanha, Itália e França"**

**Paulo Buss, médico sanitário da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) e doutor em ciências pela USP**

# Fatores para maior letalidade

Um dos fatores que puxam para uma maior taxa de letalidade é a proporcionalidade de pessoas idosas no país, visto que, segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), essa parcela populacional está mais propensa a desenvolver um quadro severo da doença. De acordo com levantamento da FGV Social — publicado em abril deste ano com a pesquisa intitulada *Onde estão os idosos? Conhecimento contra a covid-19* —, enquanto 9,59% da população brasileira têm mais de 65 anos, a Itália apresenta percentual duas vezes e meia superior. Do total de italianos, 23,3% são idosos. A França aparece em segundo lugar, com 20,75%, seguida por Espanha (19,98%), Reino Unido (18,65%) e Estados Unidos (16,63%).

O fato de o Brasil ter índices menores de população idosa, ao compará-lo com os países analisados nesta reportagem, é um dos

motivos que abrandam a letalidade do novo coronavírus no país, expõe a análise. Se, por um lado, o Brasil não tem uma população idosa tão grande proporcionalmente a países europeus, por outro, tem aspectos socioeconômicos de maior vulnerabilidade da população e carência do sistema de saúde que pesam para consequências mais dramáticas diante da epidemia da covid-19.

O médico sanitário Paulo Buss pontua que o grande número de mortes ocorre, principalmente, pelo atendimento tardio e pela inexistência ou falta de equipamento para infecções graves. “A estrutura etária da população influencia nas mortes causadas pelo coronavírus, mas ela não será suficiente para explicar o desenvolvimento da pandemia e das mortes no Brasil em relação aos países europeus”, pondera o especialista.

As condições socioeconômi-

cas precárias do país provavelmente serão muito mais impactantes do que a questão etária, conforme apontam estudos preliminares que cruzam as mortes por covid-19 no país com dados relacionados à faixa de renda, cor da pele, local de habitação e Índice de Desenvolvimento Humano (IDH). “Por isso, as ações sociais do governo são tão importantes nesse momento. Diante da quantidade de pessoas desempregadas ou em trabalhos informais, que vendem o almoço para poder jantar, só com o auxílio do governo para manter o isolamento social delas”, argumenta Buss.

## Desigualdade social

A desigualdade social, outro vetor que influencia na taxa de letalidade da covid-19, é mais evidenciada no Brasil do que nas demais nações mais afetadas. Se-

Ed Alves/CB/D.A Press



gundo Relatório do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (Pnud), o país é o sétimo mais desigual do mundo. Ao passo que o Brasil tem vantagem diante do novo coronavírus por ter uma população mais nova, mas perde pela dificuldade de acesso ao tratamento, característica marcante ao se tratar de classes mais vulneráveis.

A pandemia chegou no Brasil após cinco anos em meio a uma grande crise social, principalmente para os pobres. "De 2014 a 2019, a renda média do brasileiro caiu cerca de 2%, mas a renda dos 5% mais pobres caiu 39%", diz o economista Marcelo Neri, em entrevista anexada à pesquisa da FGV Social. "Ao menos, o Brasil contava com uma rede de

**Condições sócioeconômicas precárias do país serão mais impactantes do que a questão etária, preveem especialistas**

proteção social estabelecida, com capacidade imediata de chegar aos mais pobres, inclusive os informais, criada por meio do Bolsa Família".

Outra vantagem do programa assistencial do governo brasileiro é ter um Cadastro Único, que também pode ser usado neste momento para levar ajuda e servir de base para políticas assistenciais. Segundo Neri, a extrema pobreza no Brasil subiu 71% de 2014 a 2018. "A crise afetou esse segmento e nada foi feito. Se reajustar o Bolsa família, que está defasado em 18,8% em relação ao que era, vai gastar 0,1% do PIB (Produto Interno Bruto). Vai gastar muito pouco", defendeu. (BL e MN)

Presidente Jair Bolsonaro dificulta a divulgação sobre a propagação da covid-19, apesar da curva crescente de casos e quase 36 mil mortes no país, com atrasos cada vez maiores na atualização dos números e omissão de dados para dificultar a contagem de vítimas

# Estratégia da desinformação

» ALESSANDRA AZEVEDO  
» MARINA BARBOSA

**M**esmo diante da curva crescente de casos e mortes pelo novo coronavírus no Brasil, o presidente Jair Bolsonaro insiste em dificultar a divulgação de dados sobre a propagação da doença. As estratégias são variadas: atrasos cada vez maiores na atualização dos números, omissão de dados para dificultar a contagem de ocorrências e a possibilidade de revisão de registros de óbitos, apesar da subnotificação já admitida por integrantes do próprio governo.

Bolsonaro confirmou, ontem, que, a partir de agora, os dados relativos à covid-19 só serão divulgados após as 22h — ou seja, depois que os principais telejornais do país foram ao ar e em cima do horário de fechamento da maioria dos jornais impressos —, como antecipou o *Correio* na última sexta-feira. A mudança seria uma maneira de “evitar subnotificação e inconsistências”, justificou o presidente, no Twitter.

Os estados, no entanto, enviavam as informações até as 15h todos os dias. Durante a gestão de Luiz Henrique Mandetta à frente do Ministério da Saúde, a divulgação era feita às 17h, em coletiva de imprensa diária. Depois, passou para às 19h, com entrevistas cada vez mais raras. Desde que assumiu a pasta, em 15 de maio, no lugar de Nelson Teich, o ministro interino Eduardo Pazuello não concedeu nenhuma coletiva para comentar o balanço.

O governo também mudou a metodologia de divulgação dos dados, o que dificulta ainda mais o trabalho da imprensa. No boletim diário, o ministério não coloca mais o número total de casos, contados desde o início da pandemia, mostra apenas os registros de recuperados, novos diagnósticos e mortes nas últimas 24h. Para chegar às informações completas, é preciso calcular por conta própria.

O levantamento ficou mais difícil, com mudanças feitas ontem na página oficial do ministério na internet. Depois de um dia fora do ar, o site voltou a funcionar com informações restritas, no mesmo esquema dos boletins diários, apenas com novas contaminações e mortes, além do número de pessoas recuperadas — que fica em destaque, apesar de ser bem inferior ao de novos casos.

Também não é mais possível baixar os dados em planilhas, o que facilitava a análise por parte dos especialistas e da imprensa. Ou seja, a população não tem mais acesso às informações sobre o histórico no país. Devido à falta de transparência do governo

Marcos Nascimento/Agência Pará - 8/4/20



### Beltrame considera a tentativa autoritária, insensível e desumana

federal, a Universidade Johns Hopkins precisou interromper o acompanhamento da propagação no Brasil. A instituição faz levantamentos globais sobre a disseminação do novo coronavírus.

### Recontagem

Além de dificultar a apuração, o ministério cogita mudar números já divulgados, segundo Carlos Wizard, futuro secretário de Ciên-

cia, Tecnologia e Insumos Estratégicos da pasta, que acusou os gestores públicos de registrarem como se fossem em decorrência da covid-19 mortes que não teriam a ver com a doença. Os dados atuais seriam "fantasiosos ou manipulados" por interesses orçamentários dos estados, disse Wizard, na última sexta-feira, ao jornal *O Globo*.

O presidente do Conselho Nacional de Secretários de Saúde

(Conass), Alberto Beltrame, classificou a medida como uma "tentativa autoritária, insensível, desumana e antiética de dar invisibilidade aos mortos pela covid-19." A fala "grosseira, falaciosa, desprovida de qualquer senso ético, de humanidade e de respeito, merece nosso profundo desprezo, repúdio e asco", afirmou, em nota de repúdio publicada ontem.

Para Beltrame, Wizard "menospreza a inteligência de todos os brasileiros" ao afirmar que secretários de Saúde alteram dados sobre mortes decorrentes da covid-19 em busca de mais dinheiro da União. "O secretário, além de revelar sua profunda ignorância sobre o tema, insulta a memória de todas aquelas vítimas indefesas desta terrível pandemia e suas famílias", diz a nota.

### Transparência

Diante das críticas sobre a mudança na apresentação dos oficiais, a Defensoria Pública da União (DPU) foi à Justiça Federal de São Paulo para exigir transparência do Executivo. A DPU entrou com um pedido de liminar, ontem, cobrando a apresentação de todas as infor-

mações relativas aos casos confirmados e às mortes decorrentes da covid-19 no Brasil.

A ação apresentada ao plano judicial pede que o governo retome imediatamente a publicação dos dados e exige que o boletim diário volte a ser apresentado pelo ministério até as 19h e de forma integral. O defensor João Paulo Dorini, que assina o documento, argumenta que é dever do poder público "informar correta e adequadamente à população todos os atos adotados no combate à disseminação da doença."

Além de defender a maquiagem dos dados, o presidente Jair Bolsonaro segue ignorando as medidas de distanciamento social para evitar a maior propagação do novo coronavírus. Na manhã de ontem, usou dois helicópteros da Força Aérea Brasileira para acompanhar uma blitz da Polícia Rodoviária Federal (PRF) na BR-020. Na ocasião, sem máscara e acompanhado por alguns de seus ministros, Bolsonaro aproximou-se de um aglomerado de pessoas para fazer fotos. O presidente também não usou máscara durante visita ao Comando de Artilharia do Exército, em Formosa (GO).



## 904 mortes em um dia

Enquanto o governo tenta reduzir o acesso aos dados sobre a pandemia do novo coronavírus, a covid-19 continua se alastrando pelo país. De acordo com o Ministério da Saúde, mais 27.075 casos e 904 mortes decorrentes da doença foram confirmadas no Brasil ontem. Com isso, o país chegou à marca de 672.846 infectados e 35.930 óbitos de covid-19.

Mais uma vez, o boletim diário do Ministério da Saúde só foi divulgado por volta das 22h, mesmo depois de um dia marcado por críticas à tentativa do governo de Jair Bolsonaro de atrasar o acesso da população e da imprensa aos dados que mostram o avanço da pandemia pelo país. O boletim também não trouxe a integralidade dessas informações, pois ignorou o acumulado de casos e de óbitos da covid-19 no país, exibindo, apenas, os dados diários da doença.

Os números mostram, contudo, que o Brasil é o segundo país em número de casos confirmados de covid-19, atrás somente dos Estados Unidos, que têm 1,9 milhão de infectados, segundo a Universidade Johns Hopkins. O Brasil também é o terceiro em número de mortes, perdendo, apenas, para os Estados Unidos e o Reino Unido, que somam 109.791 e 40.548 óbitos, respectivamente.

E as perspectivas não são animadoras. A Casa Branca elevou a projeção para o número de mortes decorrentes de covid-19 no Brasil ontem. O monitor americano estima que mais 165 mil pessoas vão perder a vida por conta da doença no Brasil até agosto e ainda projeta um pico de 5 mil mortes em único dia no início de agosto. É quase o dobro da previsão do monitor feita em meados de maio: 88 mil mortes.

### Estados

Segundo o Ministério da Saúde, São Paulo continua liderando a curva de contágio do coronavírus no país. O estado registrou 5.984 novos casos e mais 216 óbitos só nas últimas 24 horas. Foram 50 mortes a mais que o segundo colocado do ranking: o Rio de Janeiro, com 166 óbitos e 1.467 novos casos de coronavírus.

Já em número de novos pacientes confirmados, o destaque, além de São Paulo, é dos estados do Pará e Maranhão, que confirmaram mais de 2 mil pacientes cada, ontem. Outras cinco unidades da Federação também registraram mais de mil novos casos de coronavírus no sábado: Ceará (1.980), Distrito Federal (1.642), Rio de Janeiro (1.467), Paraíba (1.208) e Amazonas (1.119). (MB e AA)

## Duras críticas ao negacionismo

O governo federal recebeu duras críticas às tentativas de esconder informações relativas ao novo coronavírus, como o histórico de casos e mortes, e o atraso na divulgação dos dados diários. Juristas, parlamentares e várias entidades representativas da sociedade civil rechaçaram a postura negativista do Ministério da Saúde. O ministro do Supremo Tribunal Federal (STF) Gilmar Mendes alertou que "a manipulação de estatísticas é manobra de regimes totalitários", em publicação no Twitter, ontem.

O governo tenta ocultar os números para "reduzir o controle social das políticas de saúde", escreveu Gilmar. "O truque não vai isentar a responsabilidade pelo eventual genocídio", completou o ministro, acrescentando as hashtags #CensuraNão e #DitaduraNuncaMais. Em entrevista ao *Estadão*, publicada no início da noite, ele comentou que os pro-

nunciamentos contrários à atuação do Executivo, passam um recado claro: "Vamos parar de brincar de ditadura."

O ex-ministro da Saúde Luiz Henrique Mandetta também criticou a tentativa do governo de maquiar dados oficiais. "É muito ruim, é uma tragédia o que a gente está vendo, de desmanche da informação", disse ontem, em live promovida pelo Instituto de Direito Público (IDP). "Parece-me que o que estão querendo fazer é uma grande cirurgia nos números dos protocolos públicos", afirmou. Para ele, "não informar significa o Estado ser mais nocivo do que a doença."

O presidente da Câmara, Rodrigo Maia (DEM-RJ), engrossou as críticas e avisou que, se o Executivo não voltar atrás na decisão, a própria Câmara pode passar a compilar os dados estaduais para oferecer um levantamento geral da situação no país. (AA e MB)



## Três perguntas para

Ed Alves/CB/D.A Press - 1/4/19

**Bruno Dantas,**  
ministro do Tribunal de  
Contas da União (TCU)

**Você sugeriu que os estados enviem os números de casos do novo coronavírus, diariamente, aos tribunais de contas, para que seja feito um balanço diário até as 18h. Como seria esse esforço coletivo?**

O TCU só tem competência para fazer determinações ao Ministério da Saúde, mas esses dados não são da pasta, são das secretarias estaduais. Os tribunais de contas dos estados e do Distrito Federal podem obrigá-las a fornecer as informações, sob pena de multa. A proposta é fazer uma articulação cooperativa: os tribunais estaduais requisitam os dados, e o TCU pode consolidá-los. O levantamento seria divulgado imediatamente.

**O que falta para que a ideia seja colocada em prática?**

É uma ideia minha, que eu espero que o TCU acate. É possível que o assunto seja abordado na



próxima reunião, na quarta-feira. Para ser colocada em prática, seria preciso um protocolo para uniformizar o recebimento das

informações, definir até que horas os estados podem passar esses dados e quanto tempo teríamos para consolidar. Os dados

são os mesmos divulgados até as 15h para o Ministério da Saúde, bastaria fornecer também para os tribunais de contas. Mas é preciso acompanhar ao longo da semana, porque há interesse de outras instituições em fazer a consolidação também.

**O TCU também pode atuar para que o governo volte a divulgar o histórico de casos nos boletins e no site?**

No momento, não é questão de atuar ou julgar a atuação do governo. A ideia é de cooperação, já que estamos enxergando dificuldades operacionais no Ministério da Saúde. Não estamos avaliando se tem culpado e se a demora é intencional ou não. O que importa é que todos tenham estatísticas confiáveis para que tomem decisões. É nisso que a gente está focando agora. No futuro, certamente chegará a hora de analisar e aplicar punições àqueles que, eventualmente, tenham falhado ou atrasado voluntariamente essa divulgação.

Reprodução/Twitter Ministério da Defesa



Sem máscara, presidente visita o Comando de Artilharia do Exército em Formosa e se aproxima de aglomeração para fazer fotos em blitz da PRF